

Espanto ao passar pela Avenida Ferreira Gullar

Flávio Bezerra de Farias*

Resumo:

Crítica de uma petição de princípio feita ideologicamente por Ferreira Gullar, reificando a sociedade capitalista. Para a naturalização e a eternização desta sociedade, o poeta fez generalizações abstratas que absolutizam as experiências estatistas tanto de socialismo quanto de capitalismo. Embora estas tenham sido situações concretas relativas, historicamente determinadas e, portanto, passíveis de antecipações concretas.

Palavras-chave: MPB; Ferreira Gullar; crítica; reificação; utopia.

Fear at walking down Ferreira Gullar Avenue

Abstract:

A critique of a principled petition made ideologically by Ferreira Gullar that reifies capitalist society. To naturalize and make eternal this type of society, the poet makes abstract generalizations that absolutize the statist experiences of both socialism and capitalism. Even though these were relatively concrete situations, historically determined and, thus, amenable to concrete anticipations.

Keywords: Ferreira Gullar; criticism; reification; utopia.

*À vida falta uma parte
- seria o lado de fora -
para que se visse passar
ao mesmo tempo que passa
e no final fosse apenas
um tempo de que se acorda
não um sono sem resposta.
A vida falta uma porta.
Ferreira Gullar*

*Não é verdade que as pessoas param de perseguir os sonhos porque estão envelhecendo,
elas estão envelhecendo porque pararam de perseguir os sonhos.*

Gabriel García Marquez

* Doutor em Estado em economia pela Université de Paris XIII; professor dos Programas de Pós-Graduação em Políticas Públicas e de Desenvolvimento Socioeconômico, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís-MA, Brasil. End. eletrônico: flavio.bezerra1903@terra.com.br

Folhear, entreter-se e ler incidentalmente jornais e revistas detestáveis faz parte da antinomia do bem-estar e do martírio de quem pode ir usualmente ao consultório do dentista, cujos serviços indispensáveis são negados a muitos brasileiros. A avidez de difundir novidades para o grande público, em contraste com a falta de espaço na mídia para intelectuais críticos, que têm coisas de relevo a comunicar, talvez explique porque alguns escritores importantes são levados a elaborar textos e conceder entrevistas para jornais e hebdomadários cujo sucesso junto a alienados consumidores da imprensa marrom é inversamente proporcional ao seu descrédito junto aos leitores capazes de pensar por si mesmos. O leitor incidental e o notável escritor terminam engolindo um tremendo sapo, digno da chamada liberdade de imprensa, no contexto da democracia burguesa formal. Conforme as leis desta democracia, todos são livres e iguais para ir ou não ao dentista; para produzir textos e ser leitor ou não dos jornais e revistas controlados pelo grande capital; para internar ou não os seus filhos doentes em clínicas especializadas; para mendigar ou não na rua; para morar ou não debaixo da ponte; para ser um famigerado intelectual orgânico como Anatole France¹ ou como Ferreira Gullar.²

Contrariando a regra geral sobre ingestão de batráquio, *vejam* que o auto-denominado *ex-comunista moderado*³ engoliu facilmente aquela coisa indigesta; bem à vontade, assumiu postura até para deglutir a mínimas penas, as coisas do purgatório capitalista, usando como pretexto um prato requentado no inferno do *arquipélago gulag* (Shalamov, 1969; Soljenítsin, 1976).

Sobre o pensamento marxiano, Ferreira Gullar bravateou penosamente, de modo tão obliquo e parcial que aviltou a visão crítica e transformadora das relações sociais aqui, ali e acolá. Diante dessa mistificação, denominada pela revista *Veja* como *visão crítica das coisas*, cabe recorrer à ironia radical para fazer a *crítica da crítica crítica*, no sentido marxiano. Objetivamente, o poeta maranhense fez uma reificação burguesa tão pessimista da vontade e otimista da razão que se tornou sem espanto (e, logo, sem inspiração), um reacionário mal assumido:

“Eu, de direita? Era só o que faltava. A questão é muito clara. Quando ser de esquerda dava cadeia, ninguém era. Agora que dá prêmio, todo mundo é. Pensar isso a meu respeito não é honesto. Porque o que estou dizendo é que o socialismo acabou, estabeleceu ditaduras, não criou democracia em lugar algum e matou gente em quantidade.” (Ferreira Gullar, 2012: 20).

¹ Crítico da “majestosa igualdade das leis, que proíbem ao rico como ao pobre de dormir sob as pontes, de mendigar nas ruas e roubar pão.” (France, 1921:118).

² Apresentado na mídia como tendo “uma visão crítica das coisas” (Ferreira Gullar, 2012: 17).

³ “Eu fui do Partido Comunista, mas era moderado.” (Ferreira Gullar, 2012: 20).

Percebe-se um fantástico e deliberado abandono da busca concreta de uma *porta de saída*, seja para questões específicas, que resultam fatalmente em *viúvas da terra* (Cavalcanti, 2004), seja para dilemas universais *socialismo ou barbárie* e *reforma ou revolução*, tão bem formulados pela marxista Rosa Luxemburgo (1972; 1976), antes de ser assassinada a mando de socialdemocratas alemães.

Depois da queda do *socialismo real*, “parece paradoxal celebrar a morte do marxismo no mesmo fôlego com o qual se saúda o último triunfo do capitalismo.” (Jameson, 2010: 409). Ferreira Gullar (2012) aproveita a ocasião para fazer uma petição de princípio, que busca, conscientemente, absolutizar através de generalizações abstratas as experiências historicamente determinadas do Ser social, para rejeitar o *socialismo* e, no mesmo estratagema, aceitar o *capitalismo*. Aliás, as experiências capitalistas abomináveis, como os regimes de *apartheid*, fascismo, nazismo, etc., foram abstraídas (no diversionismo ideológico de naturalizações do tipo *homo homini lupus*), pois o seu dilema *mínima malis* já era favorável ao capitalismo, tido *a priori* por incontornável. No seu *balanço positivo* do capitalismo, a *pseudo-escolha* de Ferreira Gullar, não exigiu uma mutação tão importante como ostenta de imediato – inclusive, considerando seus próprios argumentos de “avanço da idade”, que *nele* “diminuí a vontade e a inspiração” (*Ibidem*: 20). Este enigma já foi decifrado por Gabriel García Marquez, que morreu jovem aos 87 anos, porque nunca parou de perseguir os sonhos.

Na passagem de sua adesão antiga ao socialismo *estatista* para a defesa atual do capitalismo *estatista*,⁴ o poeta maranhense cuspiu no sapo do stalinismo que engolira com gula juvenil, para se tornar um consumidor guloso da coisificação, que eterniza o capitalismo, para o qual impõe peremptoriamente a falta de alternativa, num devaneio abstrato: “o capitalismo é uma fatalidade, não tem saída.” (Gullar, 2012: 20). Igualmente, a *realpolitik* stalinista jurava brutalmente que não havia alternativa ao *socialismo* dito *real* e, por isso mesmo, inquestionável, sob o risco extremo do *gulag* ou mesmo da morte! A construção da alternativa socialista no Chile de maneira pacífica e democrática, sob a presidência de Allende, foi brutalmente desmantelada com o seu assassinato e de até 10 mil pessoas – cujo principal responsável, pelo *lado de fora*, foi o criminoso de guerra Henri Kissinger. Com o 11 de setembro de 1973, iniciou-se no Chile, sob a tirania de Pinochet, a primeira experiência neoliberal, que logo depois foi consagrada com a divisa *there is no alternative* (TINA) de Margareth Thatcher, espalhando-se pelo mundo inteiro, com a colaboração, o entusiasmo e as armas de Ronald Reagan. Instaurou-se o sistema de dominação dólar-Wall Street e a mundialização capitalista neoliberal.

⁴ “A função do Estado é impedir que o capitalismo leve a exploração ao nível que ele quer levar.” (Ferreira Gullar, 2012: 20).

A grande crise atual deste modelo de desenvolvimento evidencia por si mesma a falácia da divisa TINA.

O guerrilheiro Che Guevara (1976a e 1976b) não se acomodara na situação concreta da grande estratégia imposta à periferia sobretudo pelo *lado de fora* e achara ser mais importante lutar na África e, depois, na Bolívia. Lamentavelmente, o marxista argentino foi assassinado a mando dos burocratas do complexo militar-industrial norte-americano (Kalfon, 1997). Também não se acomodaram muitos marxistas assassinados, por ordem do burocrata Stalin, na antiga URSS. Diante da grande estratégia do *socialismo real* e da falta de solidariedade dos seus aliados bolivianos, ou melhor, da omissão dos *comunistas moderados* que deixaram o comandante Che Guevara, literalmente, no mato sem cachorro, cabe uma boutade marxiana: “tudo o que eu sei é que *eu não sou marxista*”.

Num prisma genérico, o *comunismo moderado* do poeta maranhense torna-se in *fine inútil* nas situações concretas de enfrentamento radical a criminosos como Hitler, Kissinger, Pinochet, etc., pois, como afirma Ferreira Gullar (2012: 20), “nunca defendi a luta armada.” No caso do Brasil, prevalece um viés reducionista, pois “a luta armada só ajudou mesmo a justificar a ação da linha dura militar, que queria aniquilar seus oponentes.” (Ibidem). Em razão de seu pacifismo abstrato, é claro e evidente que nem a arma da crítica à geopolítica (*pax britanica, pax americana, pax imperialis*) nem a resistência à tirania pela crítica das armas merecem a consideração do poeta maranhense.

No domínio da sociologia, *veja-se* mais de perto, uma coisificação que decorre da mistificação positivista de Ferreira Gullar (ibidem): “a luta dos trabalhadores, o movimento sindical, a tomada de consciência dos direitos, tudo isso faz melhorar a relação capital-trabalho.” Embora não seja daqueles positivistas liberais brasileiros, que acham que a questão social é uma questão de polícia, mergulha fundo num fetichismo social-liberal, a saber: apresenta a categoria capital como uma coisa útil e reformável; oculta a exploração do homem pelo homem atrás do processo de trabalho voltado para a obtenção de riqueza material; pensa que essa atividade envolve *criativamente* o capitalista e o trabalhador, num contexto de *integração* no qual “um depende do outro”, sem antagonismo decorrente do fato de que socialmente o capitalismo “produz desigualdade e exploração”, dentre outras determinações tidas por insuperáveis, mas amenizáveis; enfim, como intelectual orgânico assumido de quem controla a revista *Veja*, vê com bons olhos que “o empresário é um intelectual que, em vez de escrever poesias, monta empresas.” (Ibidem). Entretanto, trata-se de uma tautologia disfarçada sob o véu poético do seu autor, que poderia dizer, igualmente: o poeta é um intelectual que, em vez de montar empresas, escreve poesias. No sentido de Gabriel García Marquez, a prosa reacionária produzida pelo poeta maranhense

na sua *maquiladora* positivista não passa de uma montagem de abstrações que ignoram as “*relações especificamente dialéticas*”:

O trabalhador, cuja qualidade indelével era até então de estar ligado ao capital e de desaparecer nele contribuindo assim à função que é a sua: produzir mais-valia, este trabalhador eleva-se pela revolução acima do conjunto instrumental que o explorava, abafa os tambores dominantes e cria sua própria música, transformando a sociedade de classe em sociedade sem classes e tornando-se ele próprio concerto. (Bloch, 1981: 44).

O poeta maranhense rejeita a crítica radical do empreendedorismo progressista e ignora o caráter incontrolável e destrutivo do capital (Mészáros, 2002), seja ambientalmente (ou geopoliticamente, pelo complexo militar-industrial), seja socialmente, por ser acima de tudo, um sistema tanto de exploração, quanto de dominação e humilhação do homem pelo homem, como mostrou a crítica marxiana. Na resolução de suas crises periódicas, o capital tanto realimenta a superpopulação relativa, quanto promove fusões, incorporações e desvalorizações que colocam em causa diretamente os empregos dos assalariados da população ativa. Ignorando a crise estrutural do capitalismo global, na sua ferrenha defesa do capitalismo, o poeta maranhense alardeia que tudo aquilo “é bobagem”, para espantar uma suposta anomia “radical, sectária, primária” da crítica marxiana, teimosa contestatária de uma coisa insuperável: “a força que torna o capitalismo invencível” decorre de uma “origem natural indiscutível”, pois “nasceu da necessidade real da sociedade e dos instintos do ser humano.” (Gullar, 2012: 20). Com essa naturalização, fez o elogio vulgar dos *instintos animais* (liberais keynesianos) da economia mista, devorada tão fácil e arriscadamente como um misto McDonald’s pelo guloso Gullar. Faz parte de seus instintos e de sua liberdade humana que o poeta maranhense rejeite a ideia de viver na Ilha de Cuba, mas falta que *veja* também, nem que seja por intermédio de metáforas, a dura realidade continental africana, ou de uma pequena ilha como o Haiti, ou do Bairro da Ilhinha, na Ilha de São Luís (*veja* as Digressões 1, 2 e 3, no quadro na página seguinte).

Digressão 1: O Bairro da Ilhinha está situado por detrás do Complexo Educacional Desembargador Sarney e do Colégio Roseana Sarney, instituições públicas, que nas eleições costumam servir de local de votação, inclusive quando a atual governadora maranhense era candidata a este cargo, ao qual teve acesso por intermédio da Justiça Eleitoral.

Digressão 2: “Eu não vou me meter em questão política. Mas reconheço que o Sarney fez uma porção de coisas. Acho que o pessoal demoniza o Sarney. Tenho que admitir que o Sarney salvou São Luís. Mesmo com o crescimento da economia em torno, a cidade, que é colonial, teve seu casario preservado.” (Ferreira Gullar, 2010). Tem José de Ribamar (o poeta) que abandona o nome, mas nunca deixa o homem (o político). Com efeito, “o nome não diz nada sobre o que é uma pessoa”, como diz o *crítico da economia política*, atacado politicamente por Ferreira Gullar com espantosa pujança. Cabe retornar-lhe a expressão marxiana favorita: “nada de humano me é estranho.”

Digressão 3: ver através do *Google Maps* uma trajetória de *turista acidental* (pelo romance de Anne Tyler e pelo risco de vida) que partisse do Terminal da Integração, no Centro Histórico Reviver, para visitar aquele bairro da periferia mais visível e próxima dos palácios governamentais ludovicenses: basta pegar, a Av. Beira-Mar, prosseguir pela Av. José Sarney (autor do romance *O Dono do Mar*), atravessar a Ponte José Sarney, com destino à Av. Castello Branco; na primeira rotatória, seguir direto pela Av. Ana Jansen (lendária escravocrata, de codinome Rainha do Maranhão) para passar em frente ao Sistema Mirante de Comunicação (controlado pelo grupo Sarney, incluindo a televisão afiliada da Rede Globo) e, ao alcançar a segunda rotatória, pegar à esquerda a Av. Ferreira Gullar (atenção! Muitas pessoas se espantaram com assaltos a mão armada ao passar por esta avenida), que transpassa a Ilhinha dos marginalizados.

Como nas esferas da política e do urbanismo realmente existentes na França Equinocial, também não é confiável a opinião de Ferreira Gullar no domínio do *Furacão sobre Cuba* (Sartre, 1986). Sobre esta experiência, além do existencialista francês, destacam-se autores marxistas críticos e revolucionários, fora e dentro da ordem, respectivamente: como o comandante Che Guevara (1976a; b), que morreu lutando contra o imperialismo central; como o senador petista Florestan Fernandes (2007), que morreu enfrentando as filas do SUS, no triste quadro do incipiente sistema de *bem-estar* social periférico. Na experiência do mundo, para superar as reificações inerentes aos paradigmas idealistas, quer centrais/ocidentais (americano, francês, alemão), quer orientais/periféricos (cubano, chinês, russo), o pensamento marxiano entende a antecipação concreta do comunismo como um horizonte de um movimento real que supere o estado de coisas presente, num processo de democratização ululantemente indispensável. Urge esta utopia

concreta, sobretudo quando a uivante exploração, a dominação e os atentados à dignidade humana estão cada vez mais desenfreados no capitalismo mundial em crise, por mais providenciais que sejam agora os seus Estados e seus blocos regionais, numa farsante repetição da história, privatizando ganhos e socializando prejuízos.

No final das contas, em Ferreira Gullar, a poesia e a prosa nascem do espanto. Mas, qual é o espantinho que continua apavorando os sociais-liberais (inclusive a *burguesia educada* keynesiana) e os seus intelectuais orgânicos, que voltam a anunciar açodadamente *a morte e a morte* do socialismo *em todas as suas formas*? Diz a máxima popular que *os que muito bravateiam muitos medos escondem*. O remédio político é ter um pouco mais de coragem: coragem ainda de se engajar na frente da mudança, pois na “utopia concreta”⁵ o próximo instante não é o conhecido do *era uma vez coisificado*; mas, o remédio clínico do espanto diante do desconhecido fica para os analistas concretos, preferencialmente os que detestam os métodos repressivos e burocráticos inerentes ao estatismo, cujas práticas históricas abomináveis, como as de *innovar* para que as coisas fiquem como estão, podem ser colocadas no mesmo saco, ou melhor, acomodadas no bojo do social-liberalismo de Gullar (2010).

Sua ideologia periférica é uma simples variante da que fora construída em torno da antinomia vulgar entre *autoritarismo e democratização* (Cardoso, 1975), que se tornou dominante na transição conservadora da ditadura instaurada pelo golpe de Estado de 1964 para a democracia burguesa formal, a partir de 1985. Na experiência orientada pela ideologia da *Nova República*, iniciada com a presidência de Sarney, continuada por Collor, etc., a burocracia social-liberal ficou cada vez mais servil ao imperialismo global, cujas potências nacionais, superpotências continentais e hiperpotência planetária (Farias, 2013a; b) “preferem formas de controle mais permeáveis a seus interesses privatistas”, como confessara o sociólogo Cardoso (1975: 40). No lugar de contribuir para a emergência do Brasil como potência relativamente autônoma, a burocracia social-liberal acentuou ainda mais a dependência estrutural do Brasil, implementando políticas neoliberais que implicam a degradação dos serviços públicos, a vulnerabilidade externa e a desindustrialização. O consenso externo da nova inserção do país na divisão capitalista do trabalho, reestruturada e mundializada, que serviu de eixo para uma correlação de forças desfavorável ao proletariado, manifestou-se internamente na contra-reforma do Estado e da Constituição de 1988. Naturalmente, a defesa da

⁵ “lá é o topos objetivo das possibilidades objetivas-reais – mas esse topos permanece ele próprio aberto, orientado para o Novum que reside nas inesgotáveis ilustrações de algo ainda desconhecido e constitui, penetrado que é do conteúdo de um fim utópico, o sonho diurno – dir-se-ia até mesmo o sonho de luz – presente no seio do próprio mundo a título de utopia concreta.” (Bloch, 1981: 246).

primazia do mercado e da colaboração centro-periferia assumida pelo *entreguismo* social-liberal triunfante atingiu a personificação clássica no próprio presidente Cardoso. Paradoxalmente, seus sucessores petistas ainda se revelam como seus herdeiros. No discurso referente aos 50 anos do golpe militar que instaurou a ditadura em 1964, Dilma Rousseff afirmou:

[...] reconquistamos a democracia à nossa maneira, por meio de lutas e de sacrifícios humanos irreparáveis, mas também por meio de pactos e acordos nacionais. Muitos deles traduzidos na Constituição de 1988. Como eu disse, na instalação da Comissão da Verdade, assim como eu respeito e reverencio os que lutaram pela democracia, enfrentando a truculência ilegal do Estado e nunca deixarei de enaltecer esses lutadores e essas lutadoras, também reconheço e valorizo os pactos políticos que nos levaram à redemocratização.

Na opinião de um ideólogo pequeno-burguês, “a presidenta está completamente errada. É filiada ao meu partido, votei nela, votarei de novo em 2014, defendo seu governo contra a direita e contra o esquerdismo. Mas ela erra totalmente ao dizer isto.” (Pomar, 2014: 1).⁶ Na conjuntura desses consensos, pactos e acordos inerentes ao modelo social-liberal periférico, a reificação que eterniza a democratização capitalista torna-se uma hipótese estratégica para a renegação pequeno-burguesa da possibilidade de tornar efetiva uma “antecipação concreta” de uma sociedade situada para além do capitalismo (Bloch, 1991). Na experiência brasileira, diz o leader petista,

[...] não foram os pactos políticos que levaram à redemocratização[...] Os pactos políticos detiveram a democratização, corromperam a democratização, macularam a democratização. Nós lutamos contra os pactos, contra a conciliação, contra o acordo das elites[...] Quanto à chamada lei da Anistia, ela foi aprovada contra os nossos votos. Foi uma vitória do lado de lá. Não foi um ‘pacto’, não foi um ‘acordo’, foi uma vitória da direita, da ditadura, dos torturadores. Por isto, é politicamente, historicamente e moralmente inaceitável colocar no mesmo plano as ‘lutas e sacrifícios humanos’ das classes trabalhadoras, e os ‘pactos e acordos nacionais’ patrocinados pelas elites[...] A presidenta não se limitou a ‘reconhecer’ os pactos. Ela os ‘valoriza’. Uma coisa é reconhecer a força do inimigo e avaliar se é possível avançar mais ou não. Outra coisa é não querer avançar, por princípio, por que se ‘valoriza’ os pactos, os acordos, as conciliações [...] Finalmente: a presidenta falou de sacrifícios irreparáveis. Na minha opinião, a única coisa realmente irreparável é desistir de lutar. (Pomar, 2014: 1)

⁵ Surge a questão: “Quem paga por este erro? Entre outros, cada cidadão vítima da brutalidade policial, que se alimenta da impunidade. Paga, também, nosso futuro. Pois este futuro depende entre outras coisas de termos forças armadas poderosas, mas sob absoluto controle civil. E para que isto ocorra, é preciso que nosso governo queira, deseje, valorize e atue contra a herança viva da ditadura militar.” (Ibidem).

Para além do horizonte pequeno-burguês, eleitoreiro e de política menor, não se trata de uma luta sem frases, mas de uma luta específica desencadeada sob suposição geral de possível superação do capitalismo. Trata-se de atualizar a resposta à questão formulada pelo marxismo no início do século passado (Léni-ne, 1975): *O que fazer?* Seria um sonho esquerdista, a luta histórica especificada objetiva e subjetivamente, orientada pela democratização real que passa por uma efetiva transição socialista? Esta traz a marca da democracia proletária que lhe é própria, na qual se exercita com plenitude e eficácia a sua hegemonia de classe, para priorizar o seu interesse específico, inclusive o de extinguir a própria sociedade classista e o seu Estado, no mesmo diapasão com “a escolha confessa, passível de formulação, radicalmente engajada e comprometida, graças à qual a utopia torna-se finalmente, na ideologia revolucionária do futuro, uma utopia concreta.” (Bloch, 1981: 51).

Em suma, trata-se do “sonho de uma Coisa que reside na imaginação objetiva-real”, no seio “da qual o objeto e o sujeito se reencontram, se entrelaçam em plena reciprocidade”, não num sonho impossível (Ibidem), mas num sonho acordado, como o que vem do espanto ao passar pela Avenida Ferreira Gullar. Nessa via, visitam-se uns aos outros, numa situação concreta, os espaços físicos, sociais e mentais integrados, como se um dependesse do outro, inclusive os vivos e os mortos que dão nomes às pontes e aos logradouros públicos, numa dialética entre o centro e a periferia, entre os velhos e os novos, os de cima e os de baixo, num movimento desigual e combinado.

Bibliografia

BLOCH, Ernst (1981). *Experimentum Mundi*. Paris: Payot.

_____. (1991). *Le Principe Espérance*. 3 vol. Paris: Gallimard.

CARDOSO, Fernando Henrique (1975). *Autoritarismo e democratização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

CAVALCANTI, Klester (2004). *Viúvas da terra: morte e impunidade nos rincões do Brasil*. São Paulo: Planeta.

CHE GUEVARA, Ernesto (2006a). *Apuntes críticos a la economía política*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales.

_____. (2006b). *El Gran Debate sobre la economía en Cuba*. Melbourne/New York: Ocean Press.

FARIAS, Flávio Bezerra de (2013a). *O imperialismo global*. São Paulo: Cortez.

_____. (2013b). *O modo estatal global*. São Paulo: Xamã.

- FERNANDES, Florestan (2007). *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. São Paulo: Expressão Popular.
- FERREIRA GULLAR (2012). Uma visão crítica das coisas. Entrevista à revista *Veja*, n. 2288, ano 45, São Paulo: Editora Abril, 20-26 de setembro.
- _____. (2010). Às vésperas de fazer 80 anos, Ferreira Gullar prepara livro e peça. Entrevista à revista *Veja*, em 25/06/2010 (<http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/as-vesperas-de-fazer-80-anos-ferreira-gullar-prepara-livro-e-peca>.) Consultado em 9/10/2012.
- FRANCE, Anatole (1921). *Le lys rouge*. Paris: Calmann-Lévy.
- JAMESON, Fredric (2010). *Valences of the dialectic*. Londres / Nova York: Verso.
- KALFON, Pierre (1997). *Che: Ernesto Guevara, une légende du siècle*. Paris: Seuil.
- LÉNINE, V. I. (1975). *Œuvres choisies*. 3 Tomos. Paris/Moscou: Sociales/Progrès.
- LUXEMBOURG, Rosa (1972). *Réforme ou révolution?* Paris: Spartacus.
- _____. (1976). *Œuvres*, 2 vol. Paris: Maspero.
- MÉSZÁROS, István (2002). *Para além do capital*. São Paulo/Capinas: Boitempo/Unicamp.
- POMAR, Valter. Sobre o discurso de Dilma Rousseff em 31 de março de 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/valter.pomar/posts/281481362019175>> Acesso em: 22 abr. 2014.
- SARTRE, Jean-Paul (1986). *Furacão sobre Cuba*. Rio de Janeiro: Editora do Autor.
- SHALAMOV, Varlam (1969). *Récits de Kolyma*. Paris: Denoël.
- SOLJENÍTSIN, Alexandre (1976). *Arquipélago Gulag*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel/Difusão Editorial.